

## IMPACTOS DECORRENTES DO *GROOMING* ON-LINE EM ADOLESCENTES DO SEXO FEMININO

Juliana da Paixão Aurich<sup>1</sup>

Luciana Ferreira Chagas<sup>2</sup>

### RESUMO

A pesquisa buscou analisar a prática de aliciamento sexual on-line, tendo como objetivo compreender os impactos decorrentes de tal prática em meninas adolescentes, a partir de uma perspectiva psicológica. Para tal, foram analisados textos sobre desenvolvimento humano de PAPALIA e FELDMAN (2013) e de BEE e BOYD (2011), além do Relatório Final produzido pelo EUROPEAN ONLINE GROOMING PROJECT (2012). A metodologia de procedimento utilizada foi a pesquisa bibliográfica. A pesquisa resulta na identificação dos impactos psicológicos da violência sexual praticada pelos aliciadores on-line, e manifestados nas adolescentes vítimas.

**Palavras-chave:** *Grooming* on-line de adolescentes. Violência sexual. Impactos psicológicos.

### ABSTRACT

The research sought to analyze the practice of online sexual grooming, aiming to understand the impacts caused by such practice on adolescent girls, from a psychological perspective. To this end, texts on human development by PAPALIA and FELDMAN (2013) and by BEE and BOYD (2011) were analyzed, in addition to the Final Report produced by the EUROPEAN ONLINE GROOMING PROJECT (2012). The procedure methodology used was a bibliographical research. The research results in the identification of the psychological impacts of sexual violence practiced by online groomers, and manifested in adolescent victims.

**Keywords:** Online grooming of teenagers. Sexual violence. Psychological impacts.

## 1 INTRODUÇÃO

Através de uma análise semântica de *grooming*, termo de significados múltiplos e oriundo da língua inglesa, é possível perceber que a noção de facilitação e de viabilização de algo está implícita nesse substantivo; o *grooming* pessoal ou de um animal, por exemplo, visa a obtenção de boa higiene, enquanto o *grooming* da neve tem por objetivo nivelar a superfície para permitir a esquiagem. No seu significado no âmbito criminal, essa noção também é

---

<sup>1</sup> Estudante do 10º semestre de graduação em Psicologia - Faculdade de Ilhéus - CESUPI / email: julianaaurich@gmail.com

<sup>2</sup> Doutora em Psicologia Clínica - Universidade de São Paulo / Docente na Faculdade de Ilhéus - CESUPI / email: lucianachagaspsicologia@gmail.com

observada. O *Dicionário Cambridge* (2021, tradução nossa)<sup>3</sup> define *grooming* como “a atividade criminal de fazer amizade com uma criança a fim de tentar persuadi-la a ter um relacionamento sexual”, ou seja, o processo busca facilitar o acesso do agressor à sexualidade do jovem. Ainda considerando a língua inglesa, vale ressaltar que o termo “criança” costuma ser usado também para se referir a adolescentes.

A prática de *grooming*, tema da presente pesquisa, é definida por Craven, Brown e Gilchrist (2006) como um processo no qual uma criança, seus responsáveis e o ambiente são preparados por alguém para o abuso dessa criança, ou seja, para que o abusador ganhe a complacência da vítima e mantenha sua prática em sigilo.

Whittle *et al.* (2013) trazem que tal definição se aplica tanto a um cenário de mundo real quanto ao ambiente on-line e que o comportamento e o propósito do *grooming* se mantêm consistentes pelos ambientes, ainda que haja variações em suas técnicas.

A adolescência é compreendida quase que unanimemente pela literatura psicológica e pelo senso comum como uma fase do desenvolvimento humano situada entre a infância e a fase adulta, porém tal noção é relativamente recente na história da sociedade ocidental. Quanto ao seu contexto social para a Psicologia do Desenvolvimento Humano:

A adolescência é uma construção social. Esse conceito não existia nas sociedades pré-industriais; as crianças eram consideradas adultas quando amadureciam fisicamente ou iniciavam um aprendizado profissional. Foi apenas no século XX que a adolescência foi definida como um estágio de vida separado no mundo ocidental. Hoje, a adolescência tornou-se um fenômeno global, embora ela possa assumir formas diferentes em culturas diferentes (PAPALIA; FELDMAN, 2013, p. 386).

Pode-se inferir então que o aliciamento sexual ou *grooming* de menores por vezes foi aceito socialmente em determinados contextos históricos e culturais visto que a puberdade era um indicativo de que aquela menina já estava pronta para o casamento e para gravidez, cumprindo expectativas previamente designadas para seu gênero. Contudo, é necessário ressaltar que essa prática não é limitada a determinada cultura e ao tempo cronológico, uma vez que o aliciamento sexual assume novas formas na contemporaneidade e que costumes antigos como o de noivas crianças ainda são perpetuados em algumas sociedades.

Como exemplo de sua persistência nos tempos atuais, o aliciamento sexual ganha uma nova dimensão ao se deparar com a multiplicidade de ferramentas on-line: por meio de uma suposta discríção, o abusador utiliza táticas de *grooming* para manipular sua vítima e obter

---

<sup>3</sup> “The criminal activity of becoming friends with a child in order to try to persuade the child to have a sexual relationship” (Cambridge University Press, 2021).

alguma forma de satisfação sexual. Tal tipo de aliciamento foi escolhido como o objeto de investigação da presente pesquisa.

Diante dos contextos apresentados anteriormente e, também, considerando o processo de desenvolvimento de adolescentes baseado em sua faixa etária, surge o seguinte problema de pesquisa: Como as consequências do aliciamento sexual se manifestariam psicologicamente nessa população?

A hipótese aqui apresentada é que essa forma de abuso acarreta em consequências psicológicas negativas que se manifestam por meio de estresse, ansiedade, depressão, baixa autoestima, repressão sexual ou hipersexualização, entre outras maneiras. Pressupõe-se também que tais manifestações podem, até mesmo, ser identificadas pela própria vítima ou em processo psicoterapêutico quando a mesma se livra da situação de aliciamento sexual e reflete sobre o que vivenciou, frequentemente na fase adulta.

Trata-se, também, de um tema atual devido à popularização e à acessibilidade contínua da internet nas últimas décadas e à precariedade dos ensinamentos de educação sexual e segurança on-line para os jovens, tanto nas escolas, quanto nas famílias. Consequentemente, a pesquisa carrega uma importância social ao trazer luz a uma questão ainda minimamente debatida.

Vale ressaltar também a relevância do tema para os estudos acadêmicos devido a sua contemporaneidade e seu recente crescimento: ainda há poucos estudos brasileiros e os bancos de dados acadêmicos apresentam predominantemente estudos em inglês de países europeus e dos Estados Unidos. Dado o papel da Psicologia em romper com os velhos contratos sociais nocivos, urge de seus profissionais um papel ativo na interrupção de ciclos de abuso.

Dessa forma, o artigo tem como objetivo geral compreender os impactos decorrentes do aliciamento sexual em meninas adolescentes. Para isso, pretende-se, por meio dos objetivos específicos, descrever o conceito de aliciamento sexual e *grooming*, analisar aspectos do desenvolvimento cognitivo e psicossocial da adolescência feminina para compreender o desenvolvimento dessa população e identificar possíveis manifestações de sintomas e transtornos psíquicos na vítima.

## **2 MATERIAL E MÉTODOS**

A pesquisa qualitativa foi escolhida por se tratar de uma forma de abordagem com enfoque no processo e na qual “a preocupação está em conhecer como determinado fenômeno manifesta-se” (ZANELLA, 2013, p. 100). Quanto ao método hipotético-dedutivo, a escolha do

mesmo deve-se à possibilidade oferecida por este para estabelecer o problema relativo às consequências psicológicas negativas relacionadas ao aliciamento sexual de menores, formular hipóteses e tentar confirmá-las ou refutá-las.

Optou-se pela pesquisa bibliográfica devido à sua capacidade de reunir conhecimentos apresentados por diversos autores da temática escolhida. Dessa forma, a coleta de dados secundários foi realizada através da leitura de fontes como: artigos científicos, dicionários, livros acadêmicos, reportagens, entrevistas, dados fornecidos por CENSO's e consulta à legislação brasileira.

Quanto às suas limitações, a pesquisa se propõe a estudar e analisar o fenômeno e suas definições, exemplos e impactos psicológicos manifestados nas vítimas. Porém, devido à escassez de estudos voltados somente ao contexto brasileiro, foram consideradas pesquisas em português e em inglês devido à predominância de material neste último idioma. Apesar de ter um caráter majoritariamente relacionado à Psicologia, a pesquisa também considerou as contribuições de outras áreas como a Sociologia e o Direito.

Com textos obtidos através da plataforma Google Acadêmico, durante o segundo semestre de 2021 e o primeiro semestre de 2022, a pesquisa conta com 19 textos na amostra, datados de 1998 a 2021. Nesse material, encontram-se artigos, relatórios, dicionário, dissertações e livros, selecionados a partir da busca das seguintes palavras-chave: aliciamento sexual de menores; *online grooming*; traumas relacionados à violência sexual de menores; abuso sexual e trauma. O universo contou com 37 textos, e a amostra restringiu esse número para 19, sendo estes textos escolhidos a partir da leitura de seus títulos e resumos.

### **3 CONCEITUAÇÃO E PERFIS DE VÍTIMAS**

#### **3.1 Definição de Aliciamento Sexual ou Grooming de Menores**

Ao propor uma análise focada nas experiências de vítimas adolescentes do sexo feminino, esta pesquisa considerou a faixa etária de 11 a 20 anos de idade definida para a adolescência por Papalia e Feldman (2013), autoras que são referência na literatura psicológica quanto ao estudo do desenvolvimento humano. A pesquisa levou em conta, também, o art. 2º da Lei nº 8.069 de 13 de junho de 1990 (Brasil, 1990) que dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente, considerando adolescente a pessoa entre 12 e 18 anos de idade.

Para buscar entender como o aliciamento sexual ou *grooming* afeta as vítimas no âmbito psicológico, é importante contextualizar os aspectos culturais envolvidos na prática do

*grooming*, focando nos ambientes virtuais e abordando uma análise das características das formas de contato aliciador-vítima e reconhecimento de traços de uma cultura pedofílica. Quanto às adolescentes que representam a população aqui estudada, é imprescindível discorrer quanto às suas características físicas, cognitivas e psicossociais típicas dessa fase de desenvolvimento e, assim, compreender melhor como os efeitos psíquicos se manifestam nessa população

O processo de aliciamento sexual ou *grooming* de menores, termos utilizados intercambiavelmente, são uma forma de abuso sexual fundada em uma relação de poder díspar entre um adulto e um menor de idade, não limitada somente ao mundo off-line. Tal processo pode ser definido como:

(...) o conjunto de procedimentos a partir dos quais um adulto procura ativamente o contato com um menor, com a finalidade de desenvolver com este um relacionamento sexualizado ou de concretizar comportamentos de natureza sexual com essa criança ou jovem (PEREIRA, 2021, p. IV).

Valendo-se de ferramentas proporcionadas pela internet, tais como redes sociais, fóruns, jogos on-line, entre outras plataformas, o *grooming* sexual assume novos e relativamente recentes contornos. Como descrito por O'Connell (2003), as tecnologias de comunicação têm o potencial de alterar a vitimologia nos níveis de acessibilidade, oportunidade e vulnerabilidade, além de também alterar as dinâmicas da atividade criminal.

Para delinear o impacto da internet na sexualidade, Cooper (1998) propõe uma tríade composta pelo Acesso, pela Acessibilidade e pelo Anonimato, que o autor denomina de “Triplo A”. Dentre os componentes do mecanismo do Triplo A, o acesso se refere tanto à praticidade para entrar na internet por meio de computadores e, ultimamente, por *smartphones* e outros *gadgets* conectados à rede, quanto à facilidade de se encontrar o que se procura tendo em vista a disponibilidade quase ininterrupta da informação. Acessibilidade diz respeito ao âmbito econômico relativo à abundância de conteúdos relacionados à sexualidade encontrados na Internet por custos baixos ou nulos. Por fim, o anonimato concerne à crença equivocada de que a identidade do indivíduo é desconhecida na internet, promovendo um potente efeito na sexualidade através do sentimento de liberdade, aumento da vontade de experimentar e desinibição de questões por vezes veladas, como preocupações e fantasias sexuais.

Não há como definir um perfil rígido e imutável de abusador, uma vez que, assim como no aliciamento sexual praticado fora dos ambientes virtuais, “*groomers* on-line não são um grupo homogêneo em termos de sua demografia e características de ofensor” (EUROPEAN

ONLINE GROOMING PROJECT, 2012, p. 6, tradução nossa)<sup>4</sup>. Entretanto, pode-se traçar comportamentos que tendem a se repetir em casos de *grooming*, assim como os tipos de *site* utilizados e a quantidade de tempo que um abusador dedica a sua atividade diariamente.

O Relatório Final do European Online Grooming Project (2012) ainda identificou seis aspectos de aliciamento sexual on-line referente aos agressores que podem estar presentes nos casos, sendo estes: vulnerabilidade, escaneamento, identidade, contato, intensidade e resultados.

A vulnerabilidade era evidenciada pelos aliciadores ao afirmarem que determinados eventos, tais como uma demissão do trabalho ou uma separação amorosa, os tornaram vulneráveis e serviram de gatilho para um desejo subjacente de praticar o aliciamento sexual de menores.

O escaneamento consiste em estar on-line em ambientes nos quais os menores se reúnem para identificar os assuntos ali abordados e o que os amigos falam do menor em questão, além de avaliar características dos menores, como a interpretação virtual-sexual do nome de usuário da vítima, a procura de um “parceiro” romântico e a avaliação das características físicas.

Ainda conforme o relatório, os aliciadores também moldam identidades on-line para apresentarem-se positivamente para os mais jovens, descritas pelos ofensores desde “pequenas mudanças” como um nome ou foto diferentes da realidade, até grandes mudanças como fingir ser uma criança. Alguns assumem múltiplas identidades e outros não mudam sua identidade.

O contato com os jovens é sustentado pelo modo (*sites e gadgets* utilizados no processo), pela extensão de contato (número de menores que contatam e estratégias para gerenciar várias conversas), pelo estilo (nem sempre um estilo de contato típico como fotos e nomes explícitos são utilizados, sendo utilizada pelo aliciador, por vezes, uma linguagem cortês e se apresentando como mentor a fim de construir sua imagem com base nos interesses da vítima para criar proximidade).

Por último, o contato é sustentado pelo *timing* (o tempo despendido na prática varia de segundos a anos). A intensidade do contato refere-se às três técnicas utilizadas para a dessensibilização: visual (envio de material pornográfico e pedofílico), de linguagem (fomentar discussões sexuais) e de incentivos (presentes e ameaças). Os resultados variam individualmente por aliciador: para alguns, continuar coletando imagens e contatar menores sexualmente pela internet era o resultado esperado. Para outros, o objetivo final era encontrar-se pessoalmente com sua vítima.

---

<sup>4</sup> “Online groomers are not a homogenous group in terms of their demographic and offending characteristics”. (EUROPEAN ONLINE GROOMING PROJECT, 2012, p. 6)

### 3.2 A vítima

Ao analisar as circunstâncias que cercam o *grooming* on-line no que tange à vítima, é possível perceber estruturas comportamentais manifestadas pelos aliciados e que os dividem em dois grupos: jovens vulneráveis e jovens que assumem riscos. Quanto ao primeiro grupo:

(...) o termo 'vulnerável' é usado para diferenciar jovens se apresentando pessoalmente vulneráveis em termos de serem tímidos, solitários, carentes ou infelizes, com transtornos psicológicos existentes e/ou com vulnerabilidade contextual tal como problemas na vida familiar ou perturbações no cuidado adotivo (EUROPEAN ONLINE GROOMING PROJECT, 2012, p. 90-91)<sup>5</sup>.

Tais jovens podem apresentar sinais de solidão aguda, baixa autoestima, transtornos psicológicos ou, até mesmo, serem vítimas de abuso anterior. Os aliciadores que focavam nesse grupo o faziam com conhecimento dessas vulnerabilidades e se utilizavam delas no processo de abordagem para o aliciamento, se apresentando como uma pessoa capaz de preencher as lacunas de necessidades da vítima (EUROPEAN ONLINE GROOMING PROJECT, 2012).

Quanto aos jovens que assumem riscos, estes são descritos como mantenedores de uma “persona gregária on-line”, ou seja, aparentam ser extrovertidos e confiantes nas redes. Alguns aliciadores que tinham como alvo jovens desse grupo relatam a percepção implícita de que o jovem estava com o controle da situação, além de também relatarem que a interação parecia ser consentida. Os aliciadores, fielmente acreditando nessa percepção deturpada de que o menor de idade era quem ditava as regras na “relação”, se surpreendiam ao encontrar pessoalmente suas vítimas e perceber que aquela confiança apresentada on-line não correspondia com o comportamento real dos jovens (EUROPEAN ONLINE GROOMING PROJECT, 2012).

Ao estudar sobre a violência sexual que recai sobre adolescentes, é imprescindível o conhecimento de algumas noções do desenvolvimento humano relativos a essa faixa etária. A adolescência é marcada pelo crescimento físico, maior desenvolvimento de competências cognitiva e social, autonomia, autoestima e intimidade. O evento que talvez ilustre melhor visualmente essa fase é a puberdade, processo no qual o corpo sofre alterações físicas relativas à maturação e que traz implicações psicológicas que perduram até a vida adulta (PAPALIA; FELDMAN, 2013).

---

<sup>5</sup> Texto original: “(...) the label of 'vulnerable' is used to differentiate young people presenting personally as vulnerable in terms of being shy, lonely, needy or unhappy, with existing psychological disorder and/or with contextual vulnerability such as having problems in family life or disruptions in care”.

Em relação ao cérebro do adolescente, as autoras prosseguem trazendo a informação de que estudos de imagem revelam que o órgão ainda está em desenvolvimento durante essa época, com mudanças dramáticas em suas estruturas ligadas às emoções, ao julgamento, à organização do comportamento e ao autocontrole, ocorrendo entre a puberdade e o início da vida adulta, o que levanta o debate sobre responsabilidade legal dos adolescentes sobre seus atos. Além disso, a diferença temporal na maturação da rede socioemocional sensível a estímulos sociais e emocionais (mais ativa na puberdade) e da rede de controle cognitivo que regula as respostas a estímulos (que ocorre gradualmente até o começo da fase adulta) talvez possa explicar a tendência de adolescentes a comportamentos de risco.

Quanto ao seu desenvolvimento cognitivo, os adolescentes entram no nível operatório-formal proposto por Piaget, atribuído à combinação de maturação cerebral e à expansão das oportunidades ambientais. As autoras ainda escrevem que:

Não apenas a aparência dos adolescentes é diferente de quando eram crianças, mas eles também pensam e falam de maneira diferente. A velocidade do processamento de informação deles continua a aumentar. Embora o pensamento possa permanecer imaturo em alguns aspectos, muitos são capazes de raciocinar em termos abstratos e de emitir julgamentos morais sofisticados, além de poder planejar o futuro de modo mais realista (PAPALIA; FELDMAN, 2013, p. 404).

À luz de conhecimentos sobre o desenvolvimento do adolescente, é possível inferir que uma relação sexual entre um adulto e uma adolescente implica em um desequilíbrio de poder analisando apenas os estudos que mostram as diferenças físicas, psicológicas e cognitivas entre essas duas populações, não contando com a influência de outros fatores como distribuição da autoridade na relação e o ambiente no qual se está inserido.

Uma relação desbalanceada e, nesse caso, marcada pelo aliciamento sexual, pode trazer consequências psicológicas negativas para a vítima. Segundo Whitt-Woosley (2019, p. 412-413)<sup>6</sup>:

Crianças vítimas de maus-tratos complexos ou crônicos apresentam maiores índices de problemas de saúde mental do que a população geral, incluindo Transtorno de Estresse Pós-traumático (TEPT) e condições comórbidas de depressão, ansiedade e transtornos comportamentais (WHITT-WOOSLEY, 2019, p. 412-413).

---

<sup>6</sup> Texto original: “Children with complex or chronic maltreatment experiences have been found to have much higher rates than the general population of mental health problems including Posttraumatic Stress Disorder and comorbid conditions of depression, anxiety and behavioral disorder”.



Borges e Dell'aglio (2008) apresentam em sua pesquisa que o Transtorno de Estresse Pós-traumático (TEPT)<sup>7</sup> é o quadro psicopatológico mais associado ao abuso sexual de crianças e adolescentes. O abuso sexual é uma das categorias de maus-tratos infantojuvenis que incluem violências como abuso físico, abuso psicológico, abandono e negligência, sendo uma forma de violência que envolve poder, coação e sedução.

As consequências mais graves do TEPT para jovens relacionam-se ao prejuízo na capacidade de envolvimento em atividades normais do desenvolvimento devido a dificuldades de socialização e o aumento da vulnerabilidade para eventos traumáticos futuros devido ao trauma atual (SCHAEFER *et al.*, 2016).

## **4 RESULTADOS E DISCUSSÃO**

### **4.1 Aspectos cognitivos e psicossociais do desenvolvimento humano na adolescência**

Bee e Boyd (2011), teóricas do desenvolvimento humano, discorrem sobre a formação do conceito de gênero e do papel sexual na infância. O conceito de gênero, relacionado à cognição, consiste na aprendizagem da criança sobre a sua própria categoria de sexo/gênero, permanente e inalterada por coisas como jeito de se vestir ou comprimento do cabelo. Já o papel sexual, voltado para o âmbito social, refere-se a comportamentos, atitudes, direitos, deveres e obrigações esperados de meninas ou de meninos, e tais papéis variam de acordo com o contexto cultural, mas costumam apresentar alguns estereótipos semelhantes ao redor do mundo.

A discussão sobre os papéis sexuais apresentada pelas autoras foi importante para a pesquisa porque o entendimento e as atitudes em relação aos mesmos são aspectos inerentes à busca da identidade durante a adolescência: a puberdade impacta profundamente nas percepções individuais de si mesmo e o adolescente adquire o entendimento de que suas atitudes em relação aos papéis sexuais são mais flexíveis. Porém, essa maior flexibilidade pode promover ansiedade em relação a como ou não se comportar.

Durante a adolescência, as habilidades cognitivas passam por um desenvolvimento que permite que os adolescentes reflitam sobre si mesmos e sobre os outros em termos abstratos podendo, assim, construir uma teoria consistente sobre si mesmos. O adolescente, também, passa a criar e manter laços íntimos mais profundos com seus pares. Durante essa fase, as áreas de contingência da autoestima são reavaliadas uma vez que as relações com pessoas

---

<sup>7</sup> Daqui em diante no texto, o Transtorno de Estresse Pós-traumático será referenciado apenas por sua sigla, TEPT.

significativas se expandem para seus amigos mais próximos, além dos pais. Dessa forma, novos papéis sociais passam a ser explorados (RODRIGUEZ; DAMÁSIO, 2014).

Outro marco importante da fase de desenvolvimento é a busca pela identidade e pela autonomia, o que caracteriza a fase em um “(...) período de oportunidades e também de riscos, uma vez que envolve tomadas de decisão que envolvem compromissos mais sérios, como escolhas profissionais, valores e relacionamentos.” (NIQUICE, 2014, p. 42).

Durante a pesquisa, foi analisado como um importante fator o neurodesenvolvimento durante a adolescência e, para a neuropsicologia:

O aumento de comportamentos de risco na adolescência está associado aos sistemas subcorticais, cujo funcionamento é exagerado nos adolescentes, refletindo que trajetórias do sistema de recompensa ou comportamentos baseado no incentivo envolvido em escolhas de risco, desenvolvem-se mais do que o sistema pré-frontal, em moldes mais lineares. Tal processo é que determina escolhas mais impulsivas do que as mediadas por sistemas que envolvem regras e objetivos mais definidos, como o córtex pré-frontal dorsolateral, responsável pela mediação cognitiva e planejada das escolhas (MUSKAT; MIRANDA; MUSKAT, 2015, p. 172-173).

#### **4.2 Interações aliciador-vítima, vulnerabilidades e consequências psíquicas**

Relembrando as categorias de jovens vulneráveis e de jovens que assumem riscos apresentadas pelo Relatório Final, foi possível analisar algumas das formas de interação por mensagens de texto entre agressores e vítimas: “(...) alguns desses homens possuem habilidades em controlar a interação com suas vítimas, em termos de obter informações pessoais rapidamente, assegurar a privacidade e obter complacência e segredo” (EUROPEAN ONLINE GROOMING PROJECT, 2012, p. 95, tradução nossa)<sup>8</sup>.

Em um exemplo real, a partir de uma conversa obtida pela organização do Relatório Final (2012) com a polícia italiana, foi possível observar que o aliciador, de 47 anos, procurou dessensibilizar uma jovem de 13 anos com o objetivo de obter fotos sexuais dela. Tal dessensibilização foi realizada de forma rápida, e o aliciador ainda a aconselha a destruir as evidências para garantir privacidade. Também foi percebido que o aliciador mentiu sua idade, fingindo ter 20 anos, como estratégia de aproximação e de aliciamento.

Em outro exemplo, dessa vez ilustrando um comportamento de jovem que assume riscos, uma jovem, também de 13 anos, contata um adulto em busca de recarga para o celular e pergunta o que ele quer em retorno. O aliciador pede para que ela “envie fotos dela e brinque

---

<sup>8</sup> Texto original: “(...) some of these men are skilled in controlling the interaction with their victims, both in terms of getting personal information swiftly, ensuring privacy and gaining compliance and secrecy.”

com ele” e negocia a interação por 30 euros. A conversa continua, e é entendido que a adolescente mandou fotos suas sexuais e que o aliciador mandou a foto de genitália masculina para ela. Quando o aliciador pede que a adolescente mande uma foto da genitália feminina para ele em troca e ela diz não querer, o mesmo a ameaça, prometendo postar a foto dela na Internet.

Contrastando com os exemplos gráficos anteriores, porém ilustrativos quanto às formas reais que o aliciamento sexual toma, é percebido no Relatório Final, em um tom mais positivo, que uma significativa proporção de jovens se mostra resiliente, reconhece o risco e se recusa em engajar nas conversas com aliciadores ao sentir alguma estranheza no diálogo (EUROPEAN ONLINE GROOMING PROJECT, 2012).

Em uma perspectiva nacional, o relatório da Situação da adolescência brasileira 2011 - O direito de ser adolescente: Oportunidades para reduzir vulnerabilidades e superar desigualdades, traz em seu discurso que:

(...) situações específicas tornam ainda mais agudas as vulnerabilidades e estabelecem obstáculos para a realização do direito de ser adolescente desses brasileiros. As desigualdades, determinadas, entre outros fatores, pela origem e identidade étnico-racial, pelo fato de ser menino ou menina, por sua condição pessoal relacionada a ter ou não alguma deficiência e pelo local onde vivem (UNICEF, 2011, p. 28).

O relatório da UNICEF ainda ressalta nove fenômenos sociais que comprometem gravemente o desenvolvimento dos adolescentes brasileiros, sendo esses: pobreza e pobreza extrema; baixa escolaridade; exploração do trabalho; privação da convivência familiar e comunitária; violência que resulta em assassinatos de adolescentes; gravidez; exploração e abuso sexual; doenças sexualmente transmissíveis/aids; abuso de drogas (UNICEF, 2011).

Hohendorff e Habizgang, no livro *Trabalhando com adolescentes: teoria e intervenção psicológica*, definiram a violência sexual (VS)<sup>9</sup> na adolescência como:

(...) todo e qualquer ato ou jogo sexual, seja ele em uma relação heterossexual ou homossexual, no qual o(a) agressor(a) está em estágio de desenvolvimento psicosssexual mais adiantado do que o(a) adolescente. Tal prática tem por finalidade estimular sexualmente as vítimas ou utilizá-las para obtenção de satisfação sexual (HOHENDORFF; HABIZGANG, 2014, p. 293).

Os autores ainda discorrem que as práticas eróticas e sexuais são impostas por violência física, ameaças ou indução da vontade, e que variam desde atos sem contato sexual (como voyeurismo, exibicionismo e produção de fotos) a ações de contato sexual, incluindo ou

---

<sup>9</sup> Daqui em diante no texto, o termo Violência Sexual será referenciado por sua sigla, VS.

não penetração. Em algumas situações, ainda, é possível observar ligações com a exploração sexual por meio de prostituição e/ou pornografia de menores, visando lucros.

Hohendorff e Habigzang (2014) prosseguem pontuando como, dentre as diversas formas que a violência apresenta, a violência sexual parece ser a mais difícil de ser revelada. Ademais, além do medo de que o agressor cumpra suas ameaças, a vítima adolescente ainda pode enfrentar o descrédito de adultos, tanto membros da sua família quanto aos profissionais que deveriam acolher sua demanda, sendo rede de proteção e de atendimento. Quanto a especificidade do sexo, as meninas podem ainda serem vistas como culpadas da violência que sofreram devido a uma noção de que o comportamento delas tenha sido “sedutor” para o agressor, quando este é um adulto, em uma fase posterior de desenvolvimento humano, com características físicas, cognitivas, psicossociais e psicosssexuais mais avançadas do que a de uma jovem ainda em processo de maturação do seu próprio corpo e de sua identidade.

Os autores, a respeito das repercussões psíquicas da VS para adolescentes, sinalam que a literatura psicológica indica a presença de sintomas de TEPT na maioria dos casos, além do desencadeamento de outros casos de ansiedade como Transtorno de Ansiedade Generalizada (TAG) e Transtorno do Pânico (TP). Sintomas de depressão e ideias e tentativas de suicídio também são observados nas vítimas. Transtornos disruptivos, como Transtorno de Conduta (TC), Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) e Transtorno Opositivo Desafiador (TOD) são prevalentes nos meninos, enquanto Transtornos de Alimentação (como Anorexia e Bulimia) repercutem mais nas meninas. Outros problemas associados a esse tipo de violência são abuso de substâncias, lícitas e ilícitas, comportamento sexual de risco (sexo sem contraceptivos, que previnem infecções sexualmente transmissíveis e gravidez), baixo rendimento na escola e a própria evasão escolar (HOHENDORFF; HABIGZANG, 2014, p. 294-295).

É percebido como tal forma de violência tem efeitos graves, tanto nas relações sociais quanto na saúde psíquica das adolescentes. Por isso, “(...) a VS é uma experiência que pode representar significativo risco para o desenvolvimento psicossocial das vítimas e deve ser alvo de intervenções planejadas e efetivas” (HOHENDORFF; HABIGZANG, 2014, p. 295).

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Durante a pesquisa, foi possível observar que é evidente que a vulnerabilidade vivida por uma jovem a põe em risco maior de passar por um processo de aliciamento sexual em

ambientes on-line e de experienciar os efeitos psicológicos destrutivos que podem acompanhar esse processo a curto e a longo prazo.

Respondendo ao problema de pesquisa, as consequências do aliciamento sexual se manifestariam psicologicamente nessa população por meio de comportamentos de risco que retroalimentam uma vulnerabilidade, muitas vezes já existente, acarretando, principalmente, em desenvolvimento de TEPT e de outros transtornos/sintomas psíquicos.

Ao regressar às hipóteses levantada anteriormente, é possível responder que a prática do *grooming* on-line pode acarretar em consequências psicológicas negativas para a vítima. Porém, para responder se essas manifestações são percebidas pelas vítimas, é preciso uma revisão da metodologia, visto que se necessita de pesquisas de campo mais específicas, uma vez que a literatura analisada não aborda amplamente tal aspecto, mas foi percebido que há jovens resilientes que identificam situações de risco e conseguem sair delas antes que algo de mais grave ocorra.

Também foi percebido a carência de pesquisas como a realizada pelo European Online Grooming Project para o contexto brasileiro/sul-americano, podendo, até mesmo, englobar os 9 aspectos do relatório da Unicef (2011) quanto à vulnerabilidade da população adolescente brasileira, imprescindíveis de serem estudados quando se busca aprofundar os estudos sobre a realidade específica brasileira do aliciamento sexual online.

De modo geral, o objetivo de compreender os impactos decorrentes do aliciamento sexual em meninas adolescentes foi cumprido. Dessa forma, se faz necessária a conscientização desse público para prevenir tais situações e lidar com suas repercussões na saúde a partir de modelos efetivos que nem sempre são encontrados na família ou no sistema de acolhimento institucional.

## REFERÊNCIAS

BEE, Helen; BOYD, Denise. **A criança em desenvolvimento** [recurso eletrônico]; tradução: Cristina Monteiro; revisão técnica: Antonio Carlos Amador Pereira. – 12. ed. – Dados Eletrônicos. – Porto Alegre: Artmed, 2011.

BORGES, Jeane Lessinger; DELL'AGLIO, Débora Dalbosco. Relações entre abuso sexual na infância, Transtorno de Estresse Pós-traumático (TEPT) e prejuízos cognitivos. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 13, n. 2, p. 371-379, abr./jun. 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pe/a/vzB7BZxdqrbmKZC7dkdmXhb/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 17 nov. 2021.

BRASIL. **Lei nº 8.069 de 13 de julho de 1990**. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Diário Oficial da União: seção I, Brasília, DF, ano 102, p. 13536, 16 jul. 1990. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1990/lei-8069-13-julho-1990-372211-publicacaooriginal-1-pl.html>. Acesso em 23 out. 2021.

COOPER, Al. Sexuality and the internet: surfing into the new millenium. **CyberPsychology & Behavior**. Santa Clara, EUA. v. 1, n. 2, p. 187-193, 1998. Disponível em: <https://doi.org/10.1089/cpb.1998.1.187>. Acesso em: 24 set. 2021.

CRAVEN, Samantha.; BROWN, Sarah; GILCHRIST, Elizabeth. Sexual grooming of children: review of literature and theoretical considerations. **Journal of Sexual Agression**. Londres, Reino Unido, v. 12, n. 3, p. 287-299, nov. 2006. Disponível em: <https://www.nationalcac.org/wp-content/uploads/2019/05/Sexual-grooming-of-children-Review-of-literature-and-theoretical-considerations-Craven-2006.pdf>. Acesso em: 23 set. 2021.

EUROPEAN ONLINE GROOMING PROJECT. **Final Report**. [S. l.: s. n.], mar. 2012. 152 p. Disponível em: <https://natcen.ac.uk/media/22514/european-online-grooming-projectfinalreport.pdf>. Acesso em: 06 out. 2021.

FUNDO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A INFÂNCIA – UNICEF. (2011a). **Situação da adolescência brasileira 2011: O direito de ser adolescente: Oportunidades para reduzir vulnerabilidades e superar desigualdades**. Brasília: UNICEF. Disponível em: [https://web.archive.org/web/20111216062116/http://www.unicef.org/brazil/pt/br\\_sabrep11.pdf](https://web.archive.org/web/20111216062116/http://www.unicef.org/brazil/pt/br_sabrep11.pdf). Acesso em 09 mai 2022.

GROOMING. *In*: Cambridge Advanced Learner's Dictionary & Thesaurus. Cambridge: Cambridge University Press, 2021. Disponível em: <https://dictionary.cambridge.org/dictionary/english/grooming>. Acesso em: 27 out. 2021.

HOHENDORFF, Jean Von; HABIZBANG, Luísa Fernanda. Atuação do profissional da Psicologia na avaliação e intervenção em situações de violência sexual contra adolescentes. *In*: HABIZGANG, Luísa Fernanda; DINIZ, Eva; KOLLER, Silvia H. (org). **Trabalhando com adolescentes: teorias e intervenção**. Porto Alegre: Artmed, 2014. cap. 18, p. 293-295. MUSKAT, Mauro; MIRANDA, Mônica C.; MUSKAT, Débora. Neuropsicologia da adolescência. *In*: DOS SANTOS, Flávia Heloísa; ANDRADE, Vivian Maria/ BUENO, Orlando F. A. (org). **Neuropsicologia Hoje**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2015. e-PUB. cap. 12, p. 172-173.

NIQUICE, Fernando L. A. Comportamentos de risco na adolescência. *In*: HABIGZANG, Luísa Fernanda; DINIZ, Eva; KOLLER, Silvia H. (org). **Trabalhando com adolescentes: teorias e intervenção**. Porto Alegre: Artmed, 2014. cap. 3, p. 42.

O'CONNELL, Rachel. A typology of child cyberexploitation and online grooming practices. **Cyberspace Research Unit**. Preston, Inglaterra: University of Central Lancashire, p. 1-19, jul. 2003. Disponível em: <http://image.guardian.co.uk/sys-files/Society/documents/2003/07/17/Groomingreport.pdf>. Acesso em: 23 set. 2021.

PAPALIA, Diane E.; FELDMAN, Ruth Duskin. **Desenvolvimento Humano**. Tradução: Cristina Monteiro; Mauro de Campos Silva. 12. ed. Porto Alegre: Artmed, 2013. 800 p. Título original: Experience Human Development.

PEREIRA, Rute Marina Barros. **O processo de aliciamento sexual de menores na internet: as vulnerabilidades das potenciais vítimas**. 2021. 95 f. Dissertação -(Mestrado Integrado em Psicologia) – Universidade do Porto, Porto, 2021. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/134303/3/478782.pdf>. Acesso em: 23 set. 2021.

RODRÍGUEZ, Susana Núñez; DAMÁSIO, Bruno Figueireido. Desenvolvimento da identidade e do sentido de vida na adolescência. *In*: HABIZGANG, Luísa Fernanda; DINIZ, Eva; KOLLER, Silvia H. (org). **Trabalhando com adolescentes: teorias e intervenção**. Porto Alegre: Artmed, 2014. cap. 2, p. 30-33.

SCHAEFER, Luiziana Souto *et al.* Reações Pós-Traumáticas em Crianças: Como, Por que e Quais Aspectos Avaliar? **Interação em Psicologia**, Curitiba, v. 20, n. 1, p. 112-123, jan./abr. 2016. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/psicologia/article/view/30294>. Acesso em: 15 nov. 2021.

WHITTLE, Helen *et al.* A review of online grooming: characteristics and concerns. **Agression and Violent Behavior**. Londres, v. 18, n. 1, p. 62-70, jan./fev. 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.avb.2012.09.003>. Acesso em: 24 set. 2021.

WHITT-WOOSLEY, Adrienne. Trauma screening and assessment outcomes in child welfare: a systematic review. **Journal of Public Child Welfare**. Londres, v. 14, n. 4, p. 412-434, jun. 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/15548732.2019.1623965>. Acesso em 18 de nov. de 2021.

ZANELLA, Liane Carly Hermes. **Metodologia de pesquisa**. 2. ed. Florianópolis: Departamento de Ciências da Administração/ UFSC, 2013. 134 p.